

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LETRAMENTO, CULTURA E PRAZER

Fabiano Carneiro¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal versar sobre a importância do ensino de música como forma de letramento, ampliação cultural e prazer estético. Como metodologia da pesquisa para tal investigação, utilizo a pesquisa bibliográfica. A música é uma linguagem que deve ser priorizada no contexto da educação infantil como aporte de ampliação cultural e fruição de uma forma estética musical. Desta forma podemos pensar que a universalidade da música e a forma como ela evoluiu durante todos estes anos, pode hoje e como fazia antigamente, ser instrumento de crescimento cultural. Há música em todos os lugares e produzimos sons de diversas formas e em vários ambientes. *Musicalizar* é tornar a *criança* sensível e receptiva aos sons, promovendo o contato com o mundo musical já existente dentro dela, fazendo com que ocorra uma apreciação afetiva. Com o olhar mais atento ao futuro é proporcionar além de uma apreciação, uma ansiedade criativa para construções e a busca dos sons que estão a sua volta.

PALAVRAS-CHAVE: Musicalização; Crianças; Cultura; Aprendizado; Contentamento.

INTRODUÇÃO

É preciso disponibilizar tempo para refrear o que fazemos como rotina incessante da globalização, imposta a nós, todos os dias e tentar perceber a grande mudança diária, muitas vezes imperceptível. A música também é considerada por muitos como ciência e arte, ou em outras palavras, a música é a arte de combinar os sons. A partir deste pensamento tentamos deixar a criança com uma formação cultural

¹ Acadêmico do curso de Pedagogia da UNI7 - Centro Universitário 7 de Setembro
fabekos@gmail.com

relevante para a sociedade e para ela. Nosso papel de professor de educação infantil é fazer com que a cada dia, a criança tenha interesse por música condizente com sua faixa etária, deixando de lado o que nos apresenta a mídia (cultura de massa); uma música que não se adequa a ao que faixa etária proposta, que tem baixas produções e jargões indelévels é proposto, tende a ser considerada “ruim”. Portanto seguimos diariamente pesquisando no universo musical, ritmos, timbres, sonoridades, grupos, letras, jogos musicais e muito mais o que possa nos oferecer a música, para musicalizar no contexto da educação infantil.

O presente artigo tem como objetivo trazer uma discussão acerca da musicalização no contexto da educação infantil, como uma linguagem privilegiada que atrela cultura, estética e desenvolvimento de várias habilidades e competências.

Para concretizar tal pesquisa, nosso objeto de estudo está alinhado com a abordagem qualitativa de pesquisa e o tipo de pesquisa é a bibliográfica. De acordo com Minayo (2001):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p.22)

Já a pesquisa bibliográfica, de acordo com Pizzani (2012) é a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

Há bem pouco tempo fala-se com mais propriedade sobre a musicalização, suas intercorrências, suas possibilidades, seus benefícios e aplicações. Sabemos que musicalização na educação infantil desenvolve o raciocínio e a concentração. Explorar som, ritmo, melodia, harmonia e movimento significam a descoberta e a vivência da riqueza de sons e expressões corporais que vem a partir de cada um, bem como a partir de objetos, não necessariamente os instrumentos musicais, mas

que entram em consonância com a criança e o meio em que ela está inserida. *Musicalizar* é tornar a *criança* sensível e receptiva aos sons, promovendo o contato com o mundo musical já existente dentro dela, fazendo com que ocorra uma apreciação afetiva. Com o olhar mais atento ao futuro é proporcionar além de uma apreciação, uma ansiedade criativa para construções e a busca dos sons que estão a sua volta. A criança começa a ser sensibilizada musicalmente dentro da barriga da mãe, sua primeira casa. Lá ela encontra descanso e audições variáveis vinda do externo, o que facilita sua vida auditiva ao vir ao mundo.

Algumas vezes nos deparamos com barulhos, inquietação infantil e sons que tornam estressantes e causam irritabilidade fora do normal. Em tempos atrás o simples fato de estas coisas acontecerem eram motivo para ficarmos algumas poucas horas fazendo trabalhos caligráficos infíndos. Não tínhamos a devida noção de que esse tipo de conduta poderia ser substituída pelo conceito de criação. Criação de uma obra, por exemplo. Uma pintura, um desenho, uma música.

Se outrora fosse percebido que musicalizar é bem mais que formar os educandos no aprendizado de um instrumento ou no conhecimento de um ritmo ou teorias musicais teríamos tido um ganho inestimável, pois o que se percebe é que musicalizar é deixar o ouvinte sensível e perceptível às produções artísticas por meio do som, corpo e mente.

Então pensando na musicalização, entraremos agora numa esfera mais acadêmica, apesar de serem poucos os estudos. Poucos são os teóricos aprofundados na musicalização infantil. O Cientista Howard Gardner (1943), americano da Pensilvânia, traçou um estudo que se contrapôs aos primeiros estudos de Alfred Binet (1900) que tratava de uma *inteligência única*, díspare ao que dizia Gardner sobre *inteligências* múltiplas. Isso deu origem a Teoria das Inteligências Múltiplas.

Binet montou um modo teste que tinha por objetivo diagnosticar crianças com deficiência mental, separando-as das crianças “normais”. Após a Primeira Guerra Mundial todos os soldados submeteram-se ao mesmo teste e este se expandiu; pois pensou-se ser possível medir quantitativamente a inteligência. Contudo após o tensionamento dos estudos e o aprofundamento destes, Gardner nos diz:

"a inteligência é (...) a capacidade de responder a itens em testes de inteligência".

Mostrando-nos com isso que todos somos dotados de inteligência, uma delas geral e as demais múltiplas. O que para ele deu origem as Inteligências Múltiplas. Em seu livro Estruturas da Mente (1983), Gardner descreve os tipos de inteligência estudados. São elas: Linguística, Musical, Lógica Matemática, Visual Espacial, Corporal Cinestésica, Interpessoal, Intrapessoal, Naturalista e Existencialista. Howard Gardner crê que todos nós temos tendências individuais (áreas de que gostamos e em que somos habilidosos) e que estas tendências podem ser englobadas numa das inteligências listadas acima. Esta afirmativa apenas nos dará base para falarmos do tema exposto, explicitando a musicalização como forma de ampliar a cultura das crianças em fase de alfabetização, dominadas pela cultura de massa.

Crianças nesta faixa etária, num mundo globalizado, culturalmente irrelevante em matéria musical, tendem a ser influenciadas nas suas fantasias, consumismo exacerbado e pouca criatividade. A musicalização vem como ferramenta de descobertas para a criança mais ativa, curiosa e atenta.

Aquele que aprecia com mais interesse tende a aprender mais rápido. Este axioma nos leva à luta diária em sala de aula para que os alunos escutem melhor, com concentração e consciência, isso os levará a diminuição dos problemas causados pela superpopulação de sons de ambiente, que provoca desatenção, estresse e fadiga.

"A intenção dessa escolha é mostrar a relevância de nos conscientizarmos a respeito do processo de escuta, encarando-o de vários pontos de vista: técnico e humano, sensível e simbólico, individual e coletivo." (Marisa Trench para o livro de Murray_Schafer – Educação Sonora - Melhoramentos 2009).

O tema objeto deste estudo e a tarefa é sugerir que a partir de caminhos sonoros, sejam os jogos ou as canções, o aluno da educação infantil aumente seu vocabulário musical cultural e sua concentração, trabalhando a música que é mais uma linguagem na educação infantil.

Para tanto, desenvolvi o artigo em três tópicos, o primeiro versa sobre os pressupostos da educação infantil e sua prática curricular. No segundo tópico discutimos a linguagem da música e suas potencialidades no desenvolvimento da criança e no último tópico os resultados e discussões acerca do processo de musicalização no contexto da educação infantil.

EDUCAÇÃO INFANTIL

PRESSUPOSTOS CURRICULARES

Educar é primordial e necessário para que se realize o pleno desenvolvimento da criança. De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998):

“Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade e cultural.” (p. 23)

Atualmente, o currículo assume diferentes perspectivas e significados, articulado com os processos socioculturais, as teorias da educação e o processo de ensino e de aprendizagem. As definições de currículo, portanto, incluem as experiências vividas pelos estudantes, professores, técnicos, gestores e famílias, os conteúdos a serem ensinados e aprendidos, as habilidades a serem desenvolvidas e a avaliação, que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados no processo de escolarização e, assim, na formação das identidades dos sujeitos envolvidos.

A escola e o currículo produzem e reproduzem discursos e normas que se articulam com determinados significados e visões de mundo, constituindo identidades e subjetividades com base em perspectivas socioculturais mais amplas. Este fenômeno acontece de modo tenso e disputado, pois os diversos grupos que integram o espaço educativo e curricular não assistem passivos a esses acontecimentos; ao contrário, reagem, estabelecendo outras formas de ação, com

recursos e estratégias diversos, na direção do estabelecimento de novas visões, saberes, valores e significados.

Assim, a educação infantil tem a incumbência de constituir-se um lugar de educação e cuidado das crianças, tornando-se imprescindível a construção de um currículo que contenha ações que busquem “assegurar” o desenvolvimento da criança em seus diversos aspectos (cognitivo, psicológicos, afetivo, físico, intelectual e sociais) incluindo o estético e que levam em consideração as especificidades e singularidades das crianças, para o qual o mesmo foi elaborado.

Neste sentido, as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) em seu artigo 3º nos trazem que:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos. (p.18)

As DCNEIs apontam que o trabalho formativo na educação infantil deve atender a três princípios; éticos, estéticos e políticos e a base do trabalho pedagógico são as brincadeiras e as interações. Para a construção de um currículo “assertivo” que subsidie o trabalho pedagógico nas instituições de educação infantil se faz necessário pensar concepções de criança, infância, cultura, estética, do brincar e do cuidado. Conhecer quem é essa criança que será inserida neste cotidiano, a que família e a cultura ela pertence, como aprende e se desenvolve são aspectos relevantes a serem considerados para elaboração de um planejamento e práticas educativas que realmente estejam preocupados com o desenvolvimento das crianças e respeitem suas particularidades. (Kishimoto, 2010).

O currículo neste contexto educacional deve “ouvir” e considerar as diversas “vozes” envolvidas no processo formativo das crianças. Um diálogo entre a família, profissionais, professores e as próprias crianças.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), em seu artigo 9º explicita que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem possuir como eixos norteadores as brincadeiras e a interação. Segundo Fontana (1997) :

O ato de brincar deve ser reconhecido como uma forma do sujeito produzir cultura, além de ser uma ação que proporciona a construção da autonomia, criatividade, como também da descoberta do mundo que está em sua volta. Brincar é, sem dúvida, uma forma de aprender. Mas é muito mais do que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, compreender-se, confrontar-se, negociar-se, transformar-se, ser. (p. 139)

Outra questão considerada nas práticas curriculares da educação infantil é a chamada intencionalidade pedagógica. Uma ação no qual se faz necessária uma reflexão contínua do educador em relação as suas tomadas de decisão no fazer docente.

De acordo com Barbosa (2009), uma das características que constitui a intencionalidade pedagógica como elemento relevante na organização do trabalho educacional cotidiano é a compreensão dos motivos pelos quais as atividades, materiais e brincadeiras são selecionados, seus modos de apresentação e realização, assim como formas de elaboração dos recursos e dos grupos para o trabalho. Deixar claro a intencionalidade educativa possibilita ao docente, no dia-a-dia, por meio do planejamento e registro das atividades, dá oportunidades aos pequenos de aprender e se desenvolver nas suas múltiplas possibilidades. (p. 88)

Com o entendimento que a Educação Infantil se constitui como a primeira etapa da educação básica e que visa o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade, as práticas pedagógicas devem estar articuladas com um currículo que considera a criança como o centro e considera suas especificidades. Um trabalho construído de forma coletiva por toda comunidade escolar, no qual estarão postas as concepções que a mesma considera importantes para a formação do sujeito inserido em uma sociedade.

MUSICALIZAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Temos a percepção de que toda criança em algum momento de sua vida, desperta para um “momento musical”; seja batendo panelas ou com brinquedos sonoros.

Segundo Celso Antunes, em seus estudos no livro *Jogos para a estimulação das múltiplas linguagens* (1999) nos diz:

“Poucas competências reveladas pelo ser humano são encontradas em “crianças-prodígio” com tanta frequência quanto o pendor musical, evidenciando, assim, um certo vínculo biológico com este tipo de inteligência” (p. 135)

Muito se fala do *aprender a ouvir*, esse ato de não conseguir se concentrar nas pequenas tarefas diárias de sala de aula, bem como em sua rotina caseira; tais como: chegar da escola, tomar banho, almoçar, descansar, estudar... pausa para a brincadeira e assim seguidamente durante todos os 365 dias de um ano inteiro, é fruto do ativismo e da enorme quantidade de afazeres postos às crianças, bem como a seus pais. A falta de tempo para a ludicidade familiar tem tornado os lares mais confusos e mais replicantes da sociedade. Agitação incomum, impaciência, falta de respeito e conceitos desvirtuados dos padrões gerais familiares.

Ainda de acordo com Antunes (1999), os jogos de estimulação musical são pautados por três linhas:

1. Ensinar a criança a “ouvir”: jogos estimuladores da percepção auditiva;
2. Explorar a sensibilidade e a percepção das diferenças entre timbres e ruídos: jogos estimuladores da discriminação de ruídos e sons; e,
3. Compreensão dos sons: progresso no domínio da estrutura rítmica.

A finalidade da musicalização não é, de forma alguma, transformar as crianças em músicos ou compositores, mas transformá-las em bons ouvintes. Posteriormente estes alunos decidirão o seu segmento cultural; música, escrita, pintura entre outros.

Segundo Henri Wallon o estudo da criança não é meramente o entendimento psíquico, mas uma contribuição para sua educação. Em seus enfoques sobre domínio afetivo, cognitivo e motor, Wallon nos diz que o sujeito se constrói nas suas interações com o meio. Nos seus estudos é proposto uma atenção contextualizada das condutas infantis e para tal trouxemos a aplicabilidade de sua teoria para a sala de aula, oportunizando à criança experimentos com diversos meios sonoros.

O jogo musical **Bingo dos Sons**, dispõe para os alunos vários instrumentos percussivos; caxixis, ganzás, tambores, chocalhos, apitos entre outros. Por trás de um biombo, ficam os mesmos instrumentos citados acima, longe de seu campo de visão. Os instrumentos são tocados e cada aluno em sua vez toca o instrumento a sua frente de acordo com o que ouviu. Igualando assim os sons (caxixi = caxixi, tambor = tambor...).

Isto exemplifica a teoria de Wallon sobre a interação com o meio. Dentro desta perspectiva Sugahara (2014), enfatiza e estimula o uso da música para crianças em seus diferentes estágios de idade.

“A música contribui para o desenvolvimento integral da criança nas suas dimensões afetiva, cognitiva, motora e social. Ela provoca sentimentos de bem-estar, organiza os movimentos, promove uma melhor interação, desenvolve a atenção e concentração. O repertório musical de escuta de uma pessoa é desenvolvido ao longo da sua vida, de acordo com o meio social em que está inserida e pelas experiências significativas que teve com a música ou a partir da música.”(coluna no Blog da Andi_18/02/2014)

Vale ressaltar que o aprendizado de cada criança, em cada estágio, são referências relativas e variáveis, que dependem de características individuais e interdependem dos meios e condições para elas aplicadas.

A partir de 2008, a iniciação ao aprendizado de música tornou-se obrigatória na disciplina de Artes em todas as escolas do Brasil, fazendo com que esta forma de linguagem tornasse mais acessível a todos. Desta feita contribui e muito para o processo de escuta e assim aprimoramento cultural dos ouvintes.

A teoria psicogenética de Wallon (1994) nos fala ainda que este desenvolvimento intelectual envolve também corpo e emoções. Por isso na rotina educacional da educação infantil é tão pertinente o uso de teatro e interações deste tipo, atrelados a música. No contexto da educação infantil, utiliza-se ainda a contação de histórias ou a rádio novela para firmar esta interação como metodologias importantes que atrelam várias linguagens no aprendizado musical.

Segundo Sugahara (2008), citando Henri Wallon, quando uma pessoa escuta uma música percebe as vibrações nela contida, sendo afetada organicamente por essas vibrações, ou seja, pela dimensão afetiva da música, exteriorizada através da dimensão motora.

Percebemos que no universo musical, as crianças têm interagido e procurado melhorar suas audições musicais, com a colaboração de professores empenhados, educadores e grupo surgidos a partir de 1994; ano de criação do Grupo Palavra Cantada. Embora a grande mídia atue em direção oposta, nossa perspectiva é que muito há a ser feito pelo indivíduo, sobretudo que se trabalharmos em grupo, cooperativamente, será mais proveitoso. Resta-nos agora um desafio, o de passarmos estes estudos para nossas crianças, pois precisamos aprender a ouvir.

Se por um momento pensássemos em todos os sons que existem, se parássemos e fechássemos os olhos e fizéssemos um profundo silêncio a fim de elencar os sons que estaríamos ouvindo naquele momento? O som de um passarinho, um carro, uma buzina, qualquer coisa audível que há tempo você não percebia e que só agora em total repouso pôde escutar?

Talvez, ser flexível para a prática do ouvir ou simplesmente gostar do que faz e rever sempre suas práticas, sejam conceitos óbvios demais, mas cabe uma reflexão importante para um traçado verdadeiro no educar.

Um das características das crianças da faixa etária de 1 a 5 anos, é a percepção de parâmetros sonoros sem ao menos saber identifica-los especificamente pelos nomes. Tais percepções devem ser desenvolvidas inicialmente por meio de vivência ampla e corporal. Geralmente, o primeiro elemento reconhecido é o timbre. É adequado iniciarmos através dos contrastes: forte/fraco (intensidade), grave/agudo (altura) e curto/longo (duração).

No contexto de sons conflituosos, a sociedade acaba privilegiando a visão e pouco estimula os demais. Outro aspecto relativo à audição é a diferença fisiológica entre ela e os demais sentidos:

“podemos fechar os olhos e deixar de respirar por alguns segundos, mas não podemos “fechar” os nossos ouvidos”.

Sendo assim percebemos que apesar da sociedade nos impor um desafio, no âmbito geral, é sem dúvida na escola que a dificuldade se acentua, pois, toda carga diária de poluição sonora é transferida pelos alunos na sala de aula. Por isso

requer que o professor se utilize de apoios áudio visuais, onde podem ser melhor observados pelas crianças.

Segundo Oliver Sacks (2014), as crianças que frequentam aulas de música durante pelo menos dois anos revelam maior atividade cerebral nas áreas associadas às suas funções executivas — ou seja, os processos cognitivos que permitem aos seres humanos processar e reter informações, resolver problemas e regular comportamento.

Observando os dados colhidos em uma investigação na Northwestern University, para que a criança beneficie cognitivamente de música, não pode estar apenas sentada a ouvir, mas sim estar envolvida plenamente na música e participar ativamente na aula. É através da criação ativa e manipulação de som é que poderá haver um desenvolvimento do processamento neural e a música poderá reprogramar o cérebro. Para entendermos esse contexto, observemos o estudo explorado pela psicóloga Raquel Carvalho (2015):

- Facilita a aquisição da linguagem e processo de alfabetização precoce, ganhando as habilidades de processamento fonológico e aptidões de compreensão, que são a base da leitura.
- Desenvolve as habilidades de raciocínio necessárias para a matemática e ciência.
- Desenvolve o raciocínio espaço-temporal
- Influencia as relações interpessoais, sendo uma forma de aproximação, comunicação e convívio social.
- Auxilia a regulação emocional, despertando sensações positivas e diminuindo os níveis de ansiedade e stress, promovendo uma sensação de relaxamento e menor tensão muscular.
- Melhoram habilidades motoras: dançando a música e tocando instrumentos simples, as crianças desenvolvem a coordenação motora.
- Promove a criatividade e potencia a memória e a atenção, por exemplo, decorando letras e notas de músicas, ouvindo outros idiomas.

Bem mais que diversão, a música tem múltiplos benefícios, que se faz presente nos mais variados contextos onde interagem. O Filósofo americano Bennett Reimer (1970), entende que não podemos falar da natureza e do valor da educação musical sem que se toque no valor e na natureza da música. A área que lida com essa questão é a estética; portanto, a educação musical, para Reimer, deve ser uma educação estética.

Para tanto há que se observar uma necessidade contemplativa por parte do professor e vários momentos de estudos e contemplações musicais. Quantas vezes e por quanto tempo temos tido professores que utilizam seu tempo em obras musicais junto a seus alunos? Quantos professores se encorajam a levar obras sinfônicas a seus alunos?

A sede de um pesquisador, a atração que ele tem pelo belo, pelo novo, não pode simplesmente ser absorvida, internalizada e guardada. Esta vivência, esta experiência e a forma como ele absorveu tudo aquilo, precisa ser lançado ao campo, precisa ir de encontro aos aprendizes, que são poços solicitando água, que expressam um profundo desejo de aprendizado.

A Estética, como fenômeno que remete a expressão do ser, traz a possibilidade do trabalho com linguagens diversas como a linguagem plástica, a linguagem musical, a linguagem corporal e o jogo dramático (gênese da linguagem teatral). Essas linguagens artísticas traduzem com base nas expressões individuais e coletivas das crianças um processo motivador, simbólico e lúdico. A linguagem como elemento central na educação estética e lúdica da criança e do educador inspiram a investigação dessa tese como elemento elucidante para novos paradigmas para a educação de crianças

A criança por ser curiosa e sem preconceitos adora explorar sons de diferentes materiais objetos e de diversos instrumentos. Esta criança também acha prazer no bater de painéis – que tanto nos irrita, e no abrir e fechar de uma gaveta.

Pensando desta forma, cabe a nós elencar e distribuir o melhor material didático possível, um material de encantamento para as crianças. Podemos incluir no nosso planejamento procedimentos muitas vezes simples e transformadoras. Nesse processo a criança socializa-se melhor, interage mais e participa ativamente das aulas de música.

Todo esse processo será absorvido em momentos bem pontuais, tais como: a escolha do material lúdico, instrumentos musicais, bem como sua demonstração nos jogos lúdicos musicais.

Tecemos abaixo algumas obras e referências que pautam nossos estudos e nossas pesquisas:

a. Cantigas de Roda

Cantigas de roda ou cirandas são brincadeiras infantis, onde as crianças formam uma roda de mãos dadas e cantam melodias folclóricas, podendo executar ou não coreografias acerca da letra da música. É uma grande expressão folclórica e, acredita-se que pode ter origem em músicas modificadas de um autor popular ou nascido anonimamente na população.

São exemplos: Roda Pião, O Cravo brigou com a Rosa, Alecrim Dourado, Peixe Vivo; dentre outras.

As cantigas de roda também têm suas especificidades no regionalismo. Como no projeto cultural realizado pelo grupo Palavra Cantada (1994), intitulado Canções do Brasil; que traz cantigas de roda específicas de regiões pouco conhecidas do País.

b. Parlendas

As parlendas são versinhos com temática infantil que são recitados em brincadeiras de crianças. São usadas por adultos também para embalar, entreter e distrair as crianças. Possuem uma rima fácil e, por isso, são populares entre elas. Muitas parlendas são usadas em jogos para melhorar o relacionamento entre os participantes ou apenas por diversão. Muitas parlendas são antigas e, algumas delas, foram criadas, há décadas.

Quem nunca brincou com estas parlendas:

Um, dois... feijão com arroz / Três, quatro... feijão no prato / Cinco, seis... chegou a minha vez / Sete, oito... vou comer biscoito / Nove, dez... comer pastéis.

Um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam, incomodam, muito mais (...)

c. Grupo Palavra Cantada (1994)

Formado a partir de uma conversa sobre um disco de ninar, “meio que sem querer”, como afirmam seus criadores, Paulo Tatit e Sandra Peres (1994), o Palavra Cantada encanta crianças no Brasil inteiro com projetos coloridos, shows participativos e canções de fácil aprendizado. Suas canções mais conhecidas são: A Sopa, O Rato e Ora Bolas.

d. A Turma do Cocoricó (1996)

Um programa criado por Fernando Gomes e exibido pela TV Cultura durante 19 anos. Tinha nas composições de Hélio Ziskind (1955) o ponto forte do programa, onde Júlio – um garoto da cidade, visita seus avós na fazenda e por lá fica apaixonado. Alguém já se imaginou fazendo música com galinhas, galos, cavalos e outros animais?

Esperamos que a discussão contribua para a descoberta de soluções das práticas de uma disciplina que está atrelada a tantas outras. Este é um dos objetivos deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A musicalização no contexto da educação infantil une vários elementos no desenvolvimento e nas diversas aprendizagens nesse nível de ensino como linguagem, brinquedo e a estética relacionados às práticas curriculares de formação da criança. As práticas musicais preconizadas pela relação com o brinquedo e do conhecimento estético envolvem o modo de funcionamento da cultura das crianças e suas experiências que trazem um discurso indicador dos desejos e multiplicidades da sua identidade cultural.

Para entender a relação e a importância da música no currículo da educação infantil é necessário a compreensão das diretrizes que contemplam o brincar e a arte, em seus saberes de experiências estéticas, pois como apontam as DCNEIS, um dos princípios que regem a prática pedagógica na educação infantil é o princípio estético.

A estética também é um elemento essencial na formação das crianças e a musicalização está nessa construção. A música é um elemento estético na medida

v. 8, n. 1, 2018: Anais do XIV Encontro de Iniciação Científica da UNI7

em que a criança utiliza-se da linguagem sonora como instrumento expressivo de comunicação de ideias e sentimentos.

Portanto consideramos a musicalização no contexto da educação infantil como uma ampliação cultural, estética e intelectual. A música é uma linguagem que vai construindo, a partir de uma identidade cultural e lúdica, uma personalidade cultural, que pretendemos contrapor a cultura de massa, consumista e estéril. Musicalizar na educação infantil é estar alinhado com as demandas curriculares oficiais que preconizam as múltiplas linguagens na educação infantil e a música além de ser uma importante forma de conhecimento, expressão e apreciação estética também tem uma dimensão de formar cidadãos com uma cultura mais significativa e esteticamente transformadora das subjetividades humanas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Livro. Jogos para a Estimulação das Múltiplas Inteligências. Ed. Vozes. Petrópolis. 1999

BARBOSA, Maria Carmen. Projeto. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2010

CARVALHO, Raquel. Psicóloga Clínica. Oficina de Psicologia. Artigo. O Nosso T2; Caras (revista) Blog. Como a música afeta o cérebro das crianças?

GARDNER, Howard. Livro. Estruturas da Mente. Ed. Artmed, 1983.

GARDNER, Howard. Livro. Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática. Ed. Artmed, 1995. 2 ed.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social.

Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIZZANI, Luciana. Artigo. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 2012

REIMER, Benett. Educação musical como Educação estética. Revista Eletrônica de Musicologia – Vol. XII., 2009

SACKS, Oliver. Livro. Alucinações Musicais: relatos sobre a música e o cérebro. Companhia das Letras, 2007.

SCHAFER, R. Murray. A Sound Education: 100 Exercises in Listening and Sound. ed. 1, Making 1992.

TRENCH, Marisa. Livro. Educação Sonora. Tradução de “A Sound Education”. ed 3, Melhoramentos 2011.

SUGAHARA, Leila Yuri. Coluna_Blog. O Papel da Música na Formação Escolar da Criança. Doutora e mestre em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP

SUGAHARA, Leila Yuri. Dissertação. Música na escola: um estudo a partir da psicogenética walloniana. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

SUGAHARA, Leila Yuri. Mestrado_Tese. Música na Escola: um estudo a partir da psicogenética walloniana. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2008.